

Coro e Orquestra Gulbenkian

Sofi Jeannin



22 + 23 jan 26

22 jan 26 QUINTA 20:00

23 jan 26 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Sofi Jeannin Maestra

Sophie Bevan Soprano

Rowan Pierce Soprano

Robin Tritschler Tenor

André Henriques Barítono

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

Francis Poulenc

Gloria

c. 25 min.

Gloria in excelsis Deo

Laudamus te

Domine Deus, Rex caelestis

Domine Fili unigenite

Domine Deus, Agnus Dei

Qui sedes a dexteram Patris

INTERVALO

Wolfgang Amadeus Mozart

Grande Missa em Dó menor, K. 427

c. 55 min.

Kyrie

Gloria in excelsis Deo

Laudamus te

Gratias

Domine Deus

Qui tollis

Quoniam

Jesu Christe – Cum Sancto Spiritu

Credo in unum Deum

Et incarnatus est

Sanctus

Benedictus

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Francis Poulenc

(Paris, 1899 – Paris, 1963)

Gloria

COMPOSIÇÃO 1959-60

ESTREIA Boston, 21 de janeiro de 1961

DURAÇÃO c. 25 min.

Na irreverente Paris dos anos 20, pós I Guerra Mundial, Francis Poulenc afirmou-se como um dos músicos mais singulares da sua geração. Tendo estudado piano com Ricardo Viñes (1875-1943) e composição com Charles Koechlin (1867-1950), Poulenc foi, na essência, um compositor autodidata, de um ecletismo assumido pelo próprio: “Os meus deuses são Bach, Mozart, Haydn, Chopin, Stravinsky e Mussorgsky. Pode dizer-se, que mistura! Mas é assim que eu gosto de música, procurando inspiração em todo o lado, naquilo que me agrada”.

O legado musical de Francis Poulenc, que o consagra como um dos mais proeminentes compositores do século XX, é pautado por uma irreverência contagiante, em que o sagrado e o profano andam a par. Tais circunstâncias são devedoras do choque provocado pela morte trágica do compositor e amigo Jean-Octave Ferroud (1900-1936), e subsequente peregrinação à Virgem Negra do Santuário de Nossa Senhora de Rocamadour, reacendendo a sua fé católica. Como afirma Ned Rorem, Poulenc foi: “um homem completo, sempre entrelaçando alma e carne, sagrado e profano”.

Este traço identitário da música de Poulenc revela-se, plenamente, no *Gloria*, obra composta entre 1959-60, no seguimento de uma encomenda da Fundação Koussevitsky, em memória de Natalie (1881-1942) e Sergey Kusevitzky (1874-1951). Inicialmente, a fundação solicitou uma sinfonia (Kusevitzky fora um reputado maestro russo, que dirigira

as principais orquestras europeias antes de se fixar em Boston, E.U.A.). Perante a recusa de Poulenc, fora sugerido um concerto para órgão, mas o compositor insistiu numa peça coral-sinfónica, dando azo a que uma obra que estava a escrever desde 1959, “no estilo de Vivaldi”, como confidenciou em carta a Bernard Gavoty (1908-1981), ganhasse forma definitiva. O *Gloria* viria a estreiar a 21 de janeiro de 1961, em Boston, pelo soprano Adele Addison (n. 1925), o Chorus pro Musica e a Orquestra Sinfónica de Boston, sob a direção de Charles Münch (1891-1968).

De uma solenidade exuberante e irreverente, trata-se de uma obra contrastante, plena de vitalidade rítmica e unificada por motivos musicais recorrentes, alicerçados numa dinâmica enfática e repleta de uma paleta harmónica de vasta gama de emoções, da alegria desinibida a uma serenidade lírica contemplativa. Está dividida em seis andamentos, reproduzindo, integralmente, o texto em latim do *Gloria*, do Ordinário da Missa Católica Romana.

O 1.º andamento começa com uma fanfarra orquestral de uma grandiloquência cinematográfica, recorrente ao longo da obra. O coro, pleno de vitalidade rítmica, entoa *Gloria in excelsis Deo*. O 2.º andamento, *Laudamus te*, pauta-se por um ambiente de exaltação jovial, assente num diálogo de frases musicais curtas e incisivas, brevemente interrompido por uma secção intermédia, *Gratias agimus tibi*, de forte pendor impressionista. O 3.º andamento,

impregnado de melancolia, contrasta pela serenidade do solo do soprano, uma melodia plangente que parte do registo agudo até mergulhar, dramaticamente, no registo grave, secundado pelo coro e orquestra. O eco do *Libera me Domine* do *Requiem* de Verdi (1813-1901) é evidente, ainda que revestido de uma sensibilidade harmónica enrubescida. Curto e incisivo, o 4.º andamento, *Domine Fili unigenite*, recupera a essência dos 1.º e 2.º andamentos. Segue-se o *Domine Deus, Agnus Dei*, solo do soprano com uma melodia angulosa ascendente, a que o coro e orquestra respondem de forma penitencial e cores misteriosamente sombrias. O 6.º e último andamento, *Qui sedes ad dexteram Patris*, recupera os motivos melódico-rítmicos anteriores, numa gradação emotiva de grande efeito, até ao sereníssimo *Amen* do soprano solista.

À crítica musical que circulou depois da estreia, considerando tratar-se de uma obra sacrílega (Boston era um bastião do catolicismo tradicionalista, em tempos do *aggiornamento* decorrente do Concílio Vaticano II), Poulenc respondeu: “O segundo andamento causou escândalo, pergunto-me porquê! Ao escrevê-lo, estava a pensar, simplesmente, nos frescos de Gozzoli em que os anjos mostram a língua e também nuns monges beneditinos, de aspeto solene, que certo dia vi jogar futebol”. Com o mesmo sentido de ironia, acrescentaria anos mais tarde, a propósito da sua obra coral sacra: “Se conseguir escapar ao Inferno, podem valer-me alguns dias de purgatório”.

A justiça humana, mais sondável que a Divina, assegurou a Francis Poulenc um lugar de destaque, e o seu *Gloria* permanece como uma das obras corais sinfónicas do século XX mais apreciadas pelo público.

Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Grande Missa em Dó menor, K. 427

COMPOSIÇÃO 1782-83

ESTREIA Salzburgo, 26 de outubro de 1783

DURAÇÃO c. 55 min.

A Grande Missa em Dó menor ocupa um lugar singular na obra de W. A. Mozart. Escrita num momento de intensa transformação pessoal e artística do compositor, permanece envolta em mistério. Porque é que Mozart, dispensado das funções de *Konzertmeister* do príncipe-arcebispo de Salzburgo, a usufruir de um tremendo sucesso junto do exigente público de Viena, se abalançou a compor uma missa desta envergadura?

Tudo indica tratar-se de uma obra ligada a um dos episódios mais esdrúxulos da vida do compositor: as circunstâncias que rodearam o seu casamento com Constanze Weber (1762-1842). Em maio de 1781, Mozart fixara residência em Viena, passando a hospedar-se em casa da viúva Cécilia Weber e das suas filhas Josepha, Constanze e Sophie. Tendo-se envolvido com Constanze, é expulso de casa dos Weber e não obtém do pai, Leopold (1719-1787), a devida permissão para casar. Constanze foge para ir viver com Mozart, Cécilia ameaça chamar a polícia para reaver a filha e, *in extremis*, casam-se a 4 de agosto de 1782. No dia seguinte, chegava a carta com o tão ansiado consentimento paterno. Meses mais tarde, a 4 de janeiro de 1783, Amadeus escrevia a Leopold, aludindo a uma promessa que fizera de compor uma missa, a ser estreada quando Constanze fosse apresentada em Salzburgo: “A partitura de metade de uma missa que ainda aqui está, à espera de ser terminada, é a melhor prova de que realmente cumpri a promessa”. Mais do que uma promessa, tratava-se de uma gigantesca operação de charme.

Depois do escândalo que rodeara o corte de relações laborais de Mozart com o príncipe-arcebispo, contra a vontade expressa de seu pai, bem como os contornos duvidosos que levaram a um casamento apressado, o jovem casal apresentar-se-ia em Salzburgo, piedosamente, com uma missa votiva contendo solos vocais de um lirismo inexcelsível para Constanze. Uma obra monumental, plena da *ecclesia triumphans* barroca, na linha de Bach (1685-1750) e Händel (1685-1759), mas também do imponente legado de missas escritas para a catedral de Salzburgo, a começar na *Missa Solemnis* (c. 1764) de Leopold Mozart, certamente cairia nas boas graças paternas e do círculo musical salisburguês. Chegados a 29 de julho, sabemos pelo diário da irmã do compositor, Maria Anna (1751-1829), que “uma missa” de Mozart foi interpretada por todos os músicos ao serviço do arcebispo, na Abadia de São Pedro, a 26 de outubro de 1783, por ocasião da Festa de Santo Amando de Maastricht, o segundo patrono da abadia. No dia seguinte, o casal regressaria a Viena, para não mais voltar.

Avolumam-se especulações e conjeturas face à documentação conhecida. O manuscrito original apresenta lacunas significativas, tendo apenas o *Kyrie*, *Gloria* e a primeira parte do *Credo* (até ao *Incaratus est*). O *Sanctus* e o *Benedictus* subsistem, parcialmente, através do espólio musical de Leopold Mozart.

A segunda parte do *Credo* (do *Crucifixus* em diante) e o *Agnus Dei* estão em falta. Alguma vez terão sido escritos? Como é que a missa pode ter sido interpretada em contexto litúrgico se falta(va)m rúbricas? São perguntas que, aos dias de hoje, permanecem sem resposta.

Do ponto de vista musical, a Grande Missa afirma-se como um universo sonoro onde a fé se expressa através de um jogo constante de luz e sombra, a que a tonalidade da obra, Dó menor, vem conferir uma densidade dramática acrescida. O texto litúrgico é vertido numa linguagem ora monumental, ora íntima, entre o rigor contrapontístico e a liberdade melódica, criando uma tensão estrutural entre o coletivo e o individual, entre o ritual litúrgico e a expressão pessoal. Esta intensidade emotiva fica de imediato patente no coro inicial, *Kyrie*, trespassado por um sentimento desolador, a que o solo de soprano sobre as palavras *Christe eleison* vem conferir uma réstia de esperança na misericórdia divina.

O *Gloria* é composto por sete andamentos contrastantes. Ao jubiloso *Gloria in excelsis*, segue-se uma ária de coloratura para soprano, *Laudamus te*, e o austero coro *Gratias agimus tibi*. Após o virtuoso dueto para dois sopranos, *Domine Deus*, sucede-se um ambiente de grande dramatismo vocal, o *Qui tollis*, assente no diálogo entre dois coros, fazendo uso de um *basso ostinato* recorrente no período barroco e de uma orquestração típica da *ouverture* francesa,

em forte contraste com o esfuziante *Quoniam*, trio para dois sopranos e tenor. Num gesto inédito, as palavras *Jesu Christe* constituem uma breve secção coral de uma solenidade luminosa, portentoso pórtico para a fuga que se lhe segue, *Cum Sancto Spiritu*, encerrando-se o *Gloria* com uma afirmação coletiva de fé e de louvor.

Núcleo teológico da missa, o coro *Credo in unum Deum* apresenta uma clareza retórica musical particularmente expressiva. De um lirismo etéreo, parecendo deter-se o tempo para contemplar o mistério da encarnação divina, o *Et incarnatus est*, para soprano, flauta, oboé e fagote solistas, é uma das páginas mais inspiradas de toda a literatura musical mozartiana. Ao monumental *Sanctus*, para duplo coro, segue-se o não menos impressionante *Osanna*, uma virtuosa fuga a oito vozes. O *Benedictus* reúne os quatro solistas num exercício notável de dramatismo, concluído pela repetição parcial do *Osanna*.

Embora inacabada, circunstância que concorre para adensar o seu carácter enigmático, a Grande Missa em Dó menor de Mozart revela uma visão artística de extraordinária coerência e ousadia, uma das mais altas realizações da música sacra de todo o século XVIII, onde tradição e inovação se encontram numa síntese profundamente pessoal e expressiva.

NOTAS DE JOSÉ BRUTO DA COSTA

Sofi Jeannin

A sueca Sofi Jeannin é Maestra Titular dos BBC Singers e do Ars Nova Copenhagen e Diretora Musical da Maîtrise de Radio France. De 2015 a 2018, foi Diretora Musical do Chœur de Radio France. Muito requisitada como maestra convidada, em 2025/26 dirige o *Requiem* de Brahms, com a Orquestra Filarmônica Real de Estocolmo e o Coro de Câmara Eric Ericson, o *Messias* de Händel, com a Orquestra Sinfônica de Melbourne, a *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, com a Sinfônica de Lahti, *Ordo Virtutum* de James MacMillan, com o Coro NFM Wrocław, e *Meg Blane* de Coleridge-Taylor, com a Orquestra do Royal College of Music. Na sua última temporada como Maestra Titular dos BBC Singers, dirige vários programas, nomeadamente em conjunto com o New Zealand Voices e com a Academy of Ancient Music. Com o Ars Nova Copenhagen apresenta-se em concertos na Dinamarca, em Bruxelas e em Barcelona, com programas que assinalam os aniversários de Arvo Pärt e Palestrina. O cargo de Diretora Musical da Maîtrise de Radio France confere a Jeannin a responsabilidade musical e pedagógica por 180 coralistas. Encomendou várias obras novas, colaborando com compositores como Kaija Saariaho, Peter Eötvös, John Adams, Thierry Escaich e Olga Neuwirth. Sofi Jeannin estudou direção e canto no Royal College of Music de Estocolmo, no Conservatório de Nice e no Royal College of Music de Londres. Preparou coros para maestros como Bernard Haitink, Peter Schreier e David Willcocks. É *Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres* (2025), *Officier de l'Ordre des Palmes académiques* (2018) e *Chevalier de l'Ordre national du Mérite* (2021). Recebeu o Grande Prémio Antoine Livio 2023, da Associação Internacional de Imprensa Musical, pelo seu trabalho com a Maîtrise de Radio France. Foi também agraciada com a Medalha do Royal College of Organists, em 2024.

Sophie Bevan

Sophie Bevan estudou na Benjamin Britten International Opera School e é reconhecida como um dos principais sopranos líricos da sua geração. Pelos serviços prestados à música, em 2019 foi distinguida como *Member of the Order of the British Empire*. Sophie Bevan trabalha regularmente com importantes orquestras como a Filarmônica de Londres, a Filarmônica de Bergen, a Filarmônica da BBC, a Sinfônica da Rádio Finlandesa, The English Concert, a Orquestra de Câmara Escocesa, a Orquestra do Concertgebouw, a Orchestra of the Age of Enlightenment ou a Orquestra da Rádio Sueca, e apresentou-se no Festival de Edimburgo e nos *BBC Proms*. Em recital, atuou em palcos como o Concertgebouw de Amesterdão ou o Wigmore Hall de Londres. No domínio da ópera, os seus compromissos recentes e futuros incluem: os papéis de Ilia, em *Idomeneo*, Sophie, em *O Cavaleiro da Rosa*, Susanna, em *As bodas de Figaro*, Dalinda, em *Ariodante*, e Pamina, em *A flauta mágica*, para a Royal Opera House; Fiordiligi, em *Così fan tutte*, para a Ópera Nacional do País de Gales; Ellen Orford, em *Peter Grimes*, para o Teatro dell'Opera di Roma; Hermione, em *The Winter's Tale*, de Ryan Wigglesworth's, Têlaïre, em *Castor et Pollux*, e uma das principais sopranos em *The Seven Deaths of Maria Callas*, de Marina Abramović, para a English National Opera; Mélisande, em *Pelléas et Mélisande*, para a Semperoper Dresden; Asteria, em *Tamerlano*, para o Grange Festival; Freia, em *O Ouro do Reno*, para o Teatro Real de Madrid; e Governess, em *The Turn of the Screw*, para a Garsington Opera.

Rowan Pierce

Natural do Yorkshire, Inglaterra, Rowan Pierce foi distinguida por Sua Alteza Real o Príncipe de Gales, em 2017, no Royal College of Music. Recebeu o Primeiro Prêmio e o Prêmio de Canto do Concurso Internacional do Grange Festival e o Prêmio de Canto da Sociedade Schubert. Foi *Rising Star* da Orchestra of the Age of Enlightenment e *Harewood Artist* na English National Opera.

Rowan Pierce apresenta-se com regularidade em festivais no Reino Unido e na Europa, com destaque para o Festival Internacional de Edimburgo, com The English Concert e a Royal Scottish National Orchestra, colaborações com Thomas Allen e Christopher Glynn no Festival de Ryedale, Anne Murray e Malcolm Martineau no Oxford International Song Festival, e com Roger Vignoles no Leeds Lieder Festival. As suas atuações nos palcos de ópera incluem: Miss Wordsworth, em *Albert Herring*; Princesa, em *L'enfant et les Sortilèges*; Drusilla, em *L'incoronazione di Poppea*; Susanna, em *As bodas de Figaro*; Belinda, em *Dido e Eneias*; Tiny, em *Paul Bunyan*; e Papiria, em *Lucio Papirio Dittatore*. Compromissos recentes e futuros incluem: Oberto, em *Alcina* (Festival de Glyndebourne); Papagena, em *A flauta mágica* (Royal Opera House – Covent Garden); Dede, em *A Quiet Place* (Linbury e Covent Garden); Orazia, em *The Indian Queen* (Lille, Caen e Luxemburgo); Oberto, em *Alcina* (Staatstheater Stuttgart); Barbarina, em *As bodas de Figaro* (Grange Festival, English National Opera e Nevill Holt Opera); e Galatea, em *Acis and Galatea* (festival Vache Baroque). A discografia de Rowan Pierce inclui o álbum “Purcell: The Cares of Lovers”, a *Sinfonia Antartica* de Vaughan Williams, com a Royal Liverpool Philharmonic Orchestra, *Rei Artur* de Purcell, com o Gabrieli Consort, *Acis and Galatea* de Händel, com a Early Opera Company, e *Lieder* de Schubert, com Roderick Williams e Christopher Glynn.

Robin Tritschler

O tenor irlandês Robin Tritschler formou-se na Royal Academy of Music, em Londres. É reconhecido pela sua voz “radiantemente lírica”, recebendo elogios tanto da crítica como do público. Os seus compromissos na presente temporada incluem: *Rei Artur* de Purcell, em versão de concerto, com Hervé Niquet e Le Concert Spirituel, em Paris e na Ópera Nacional de Bordéus; a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, com a Sinfónica de Viena e Fabio Biondi; e *Lobgesang* de Mendelssohn, com a Västerås Sinfonietta e Simon Crawford-Philips. Apresenta-se também em recital, com Magnus Svensson, no Konserthuset de Estocolmo. Recentemente, Robin Tritschler interpretou as *Vésperas* de Monteverdi, com o Ensemble Pygmalion e Raphaël Pichon, a 9.^a Sinfonia de Beethoven, na Philharmonie de Paris, e colaborou ainda com a Orquestra de Câmara Escocesa e Václav Luks, a Sinfónica de Antuérpia e a Sinfónica da BBC, na *Cantata Profana* de Bartók, sob a direção de Dalia Stasevska. Estreou-se no Centro das Artes de Seul, no PyeongChang Festival e num recital em Ukaria, na Austrália, com Olli Mustonen. É um convidado regular do Wigmore Hall, em Londres. Outros destaques de anos recentes incluem atuações com a Sinfónica de Londres e Nathalie Stutzmann (*Te Deum* de Bruckner), a Filarmónica de Munique e um regresso ao Festival de Salzburgo para interpretar *Il canto sospeso* de L. Nono. Apresentou-se noutros prestigiados palcos de concerto e de ópera como o Carnegie Hall, o Théâtre des Champs-Élysées, o Suntory Hall de Tóquio, o Royal Albert Hall, o Teatro Colón de Buenos Aires, o Festival de Ópera de Glyndebourne, a Ópera de Basileia, o Festival de Bregenz ou a Royal Opera House - Covent Garden. Em recital, colabora regularmente com os pianistas Graham Johnson, Malcolm Martineau, Iain Burnside e Julius Drake, e foi “Artista em Residência” no Wigmore Hall.

André Henriques

André Henriques diplomou-se em Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, com António Wagner Diniz, e foi bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar *Opera Performance* no Royal Welsh College of Music and Drama, em Cardiff, com Donald Maxwell. De entre os vários projetos em que participou, destacam-se: o papel de Macaco, em *A Canção do Bandido* de Nuno Côrte-Real, numa coprodução entre o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro da Trindade/Força de Produção; o papel titular de *Don Giovanni* de Mozart, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa; *A Criação* de J. Haydn, na Fundação Calouste Gulbenkian; Don Alvaro, em *Il Viaggio a Reims* de G. Rossini, no Centro Cultural de Belém; Officer, em *The Penal Colony* de P. Glass, no Teatro São Luiz; Marcos Portugal, em *Mautempo em Portugal* de Eurico Carrapatoso, com a Associação Setúbal Voz; Enfermeiro Peres, em *Rigor Mortis* de Francisco Lima da Silva, e Papageno, em *A flauta mágica*, no Operafest Lisboa; Onofre, em *Maria da Fonte* de Augusto Machado, Danilo, em *A Viúva Alegre* de Franz Lehár, e Lavrador, na *Trilogia das Barcas* de Joly Braga Santos, com o Teatro Nacional de São Carlos; e Marechal Beresford, em *Felizmente Há Luar* de Alexandre Delgado, com a Orquestra Filarmónica Portuguesa. Com a Ópera Rara, gravou os papéis de Fulvio e Lucio, *L'Esule di Roma* de Gaetano Donizetti. Em recital, cantou a *Viagem de Inverno* de Franz Schubert e a *Suíte sobre Poemas de Michelangelo* de Dmitri Chostakovitch, com Nuno Vieira de Almeida. No contexto do ciclo de recitais *Um Cancioneiro Português*, interpretou canções sobre poemas de Camões, com João Paulo Santos.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC-Music e Aria-Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS

Ariana Russo
Carina Matias Ferreira
Filipa Passos
Inês Rasquinho
Lucília de Jesus
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Carmo Pereira Coutinho
Elsa Gomes
Estrela Martinho
Joana Esteves
Lucinda Gerhardt
Madalena Barão
Maria Bustorff
Markéta Chumová
Patrícia Manso

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Bruno Sales
Francisco Cortes
Jaime Bacharel
João Barros
João Custódio
João Pedro Afonso
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues

BAIXOS

Afonso Moreira
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho
João Líbano Monteiro
João Silva
Lucas Mandillo Robert
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Casanova

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Ionel Manciu CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Maria Balbi 1º SOLISTA
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Catarina Resende
Margarida Queirós
Félix Duarte

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira
Ana Sofia Faria*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA

Jeremy Lake 2º SOLISTA

Raquel Reis

Leonor Moniz

Tiago Mirra*

Angela Escauriaza*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Ana Sofia Baganha 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Alexander Kirn 1º SOLISTA*

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Ricardo Vitorino 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA*

ÓRGÃO

Sérgio Silva 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

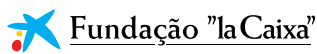
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



